**BIOMASSA, SILÊNCIO E ESPERANÇA: UMA VIVÊNCIA NO CURSO DE AGRICULTURA SINTRÓPICA DO CERRADO**

**A ideia do curso**

O Centro de Estudos e Pesquisas em Agroecologia e Agrofloresta (CEPEAS), em Alto Paraíso de Goiás, promoveu o Curso de Agricultura Sintrópica, com o tema Como implantar e manejar agroflorestas. A capacitação foi conduzida pelo instrutor Fernando Rebello, referência na área, e reuniu participantes interessados em compreender, na prática, os fundamentos da agrofloresta sintrópica.

A programação foi estruturada em três dias intensos de convivência e aprendizado, mesclando teoria e trabalho de campo. Os períodos diurnos foram dedicados às atividades do curso, intercalados por refeições e por momentos coletivos, como a lavagem das louças e a organização das cestas, prática que reforça o espírito de colaboração entre os participantes. O encerramento se deu com a apresentação dos projetos desenvolvidos pelos próprios participantes, seguida de uma despedida simples e direta.

Entre os temas centrais estiveram a visita a áreas de agroflorestas já instaladas, permitindo observar de perto sistemas em diferentes estágios de desenvolvimento. Foram trabalhados também os passos para iniciar um agroecossistema biodiverso e multiestratificado a partir de pasto degradado, abordando o pomar agroflorestal, o cultivo de grãos e os sistemas silvipastoris, além de como começar uma horta agroflorestal, tema de grande interesse para quem busca produção de alimentos em pequena escala com base agroecológica.

Além dos conteúdos apresentados na programação, o curso incluiu vivências práticas de campo, envolvendo atividades de irrigação, manejo florestal e poda, elementos essenciais para quem deseja implantar e conduzir uma agrofloresta com técnica e responsabilidade ambiental. Essas práticas permitiram vivenciar o dia a dia do manejo sintrópico, unindo teoria e trabalho de campo em um ambiente de imersão total.

**Por que fui: raízes na minha própria Agrosofia**

Minha motivação para participar desse curso não nasceu por acaso. Ela está enraizada em ideias que já venho desenvolvendo há anos dentro da Agrosofia, a filosofia de vida que criei a partir da observação da natureza e do comportamento das plantas. Um dos textos que já publiquei, A Resistência da Mandioca (Motivação Agrosófica), fala exatamente sobre isso: a capacidade de certas raízes de se aprofundarem e acumularem reservas justamente para resistir aos períodos de seca e adversidade. Ver, na prática, uma agrofloresta sendo implantada e mantida numa região árida do Cerrado goiano, de regime hídrico difícil, foi como testemunhar ao vivo aquilo que já havia refletido sobre resistência, profundidade de raízes e constância diante da escassez.

Há também outro texto meu, O Grão de Mostarda e a Agrosofia, Mística da Vida com Base nas Forças Agronaturais, inspirado na parábola bíblica sobre a fé e a natureza. Nele, associo o crescimento de uma pequena semente até se tornar grande árvore à forma como a fé e a motivação humana também crescem, a partir de algo aparentemente pequeno. Foi exatamente essa lógica que revi na agrofloresta: um sistema que começa em pasto degradado e, aos poucos, com paciência e manejo, se transforma em floresta produtiva e biodiversa. A semente pequena, plantada com fé e trabalho, gerando abrigo e fruto.

Essas duas ideias, a resistência da mandioca e o grão de mostarda, foram, no fundo, o que me motivou a ir até lá. Eu não fui apenas para aprender uma técnica agrícola, fui para confirmar, na terra e na prática de outros, princípios que já carrego como mística de vida.

**Minha vivência**

O que mais me notabilizou, dentro do que pude observar e aprender, foi a ausência de qualquer preconceito quanto às espécies utilizadas na composição da agrofloresta, do eucalipto às nativas do Cerrado. O princípio ali era outro: que a espécie servisse à formação de uma boa biomassa, e assim, aos poucos, a floresta fosse se constituindo. Isso me chamou atenção especialmente por se tratar de uma região árida, no centro oeste brasileiro, em Goiás, onde o regime hídrico não é favorável e o período de seca é longo e rigoroso. Mesmo diante dessas condições, ali se insiste em manter a floresta viva e em construir comunidade em torno dela. É um princípio de vida que considero admirável.

Participei com muita alegria, porque o encontro foi, além de curso, um verdadeiro retiro. Vivi ali uma pedagogia do silêncio, um respeito ao tempo e ao jeito de cada um, num ambiente onde se produz água, onde a terra revela sua capacidade permanente de gerar vida e renovar esperanças. É possível viver bem com muito pouco, e isso ficou evidente na forma como a agricultura familiar, a pequena agricultura e as comunidades locais convivem entre si, atentas ao cuidado com o ambiente e com a vida.

Fui até lá de forma discreta, e foi assim, ouvindo mais do que falando, que pude aprender de verdade. Esse foi, para mim, um grande achado nesse centro de estudos. E há ainda outra vantagem na agricultura vivida dessa forma: a natureza permite que cada um se torne, aos poucos, autodidata.

Sobre o autor: Ainor Lotério, engenheiro agrônomo, filósofo e teólogo, criador da Agrosofia e desenvolvedor da Agroteologia.

Contato para palestras, cursos e participações neste e outros temas:
ainorfloterio@gmail.com | WhatsApp (47) 99967-5010